Texto de apresentação

"Estamos tentando destruir o mundo". Antinegritude e violência policial depois de Ferguson: uma entrevista com Frank B. Wilderson III

Felipe Coimbra Moretti
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional/UFRJ

O que segue é a tradução do inglês de uma entrevista cedida pelo teórico afropessimista Frank Wilderson III, em 2014. Ela busca ampliar o debate sobre uma libertação negra que vá além dos moldes mortíferos da sociedade civil: a inocência, o civismo, o recurso a direitos que nunca se materializam. Nesta pequena nota introdutória, ofereço ao leitor uma rápida contextualização do cenário em que ocorreu a entrevista e as pessoas envolvidas nele. Para evitar saturar o leitor de antemão, já informo que distribui ao longo do texto, em formato de nota de rodapé, as contextualizações que me pareceram necessárias para imbricar-se no pensamento de Wilderson. Espero que assim as diferenças entre o contexto racial norte-americano e brasileiro consigam não ser eliminadas, o que seria impossível, mas que surja o entendimento de necessidades, sonhos e demandas compartilhadas. Prossigamos.

No ano de 2014, a execução do jovem negro Michael Brown pela polícia de Ferguson, no estado de Missouri, foi o estopim para uma sequência de protestos e motins que convulsionou os Estados Unidos. Assim como nas revoltas provocadas pela execução de mais um homem negro, George Floyd, em 2020, também circularam seis anos atrás discursos que, se não tentavam de imediato criminalizar a revolta, tentavam cooptá-la pela linguagem da conciliação, do pacificismo e do progresso bem intencionado do *establishment* progressista norte-americano. É dentro daquele momento de raiva e revolta, mas também contra as tentativas de pacificação e contra-insurreição, que se deu a entrevista de Frank Wilderson para Jared Ball.

Atualmente professor do departamento de Estudos Afro-Americanos e Dramaturgia, na Universidade da Califórnia – Irvine, Frank Wilderson III (n. 1956) é um dos maiores pensadores por trás do que se tem chamado afropessimismo. Junto com Jared Sexton, Fred Moten e feministas negras como Hortense Spillers, Wilderson faz parte de um grupo difuso de intelectuais negros radicais que, dialogando tanto com o pensamento negro como o marxismo e a psicanálise, radicalmente reformularam noções sociológicas e discursivas sobre a vida social negra. Se fosse possível resumir o afropessimismo em uma frase, diria que é o paciente aprofundamento das conclusões de *Peles Negras, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon. Além de lecionar, Wilderson tem contribuído mais enfaticamente para a causa da libertação negra: nos anos 70, fez parte dos

movimentos de direitos civis e, na década de 90, mudou-se para a África do Sul, onde lutou na ala armada do Congresso Nacional Africano contra o regime do *apartheid*.

Wilderson foi entrevistado por Jared Ball, no programa de rádio *I Mix What I Like* (IMWIL)[1], que aborda não só política, arte e história negras como também discute o próprio papel da mídia negra. Dr. Hate e Ted Burroughs, colaboradores frequentes no programa, também participaram. Além de produzir o IMWIL, Ball é professor de estudos da comunicação na Morgan State University, em Baltimore, estado de Maryland.

Por último, a seguinte tradução se baseou na transcrição cuidadosamente feita pela *Ill Will Editions*[2]. Estabelecida em 2013, a *Ill Will*, mais uma coalizão multicéfala de voluntários e amigos do que uma editora, define-se como uma plataforma para "uma análise sediciosa do presente". Publica na internet uma coleção estonteante de artigos, livros, entrevistas, manifestos, tratados, poemas e qualquer espécie de escrito que habite os entre-lugares do anarquismo, do comunismo, da metafísica, da ecologia e do insurreicionismo.

Assim, a transcrição da entrevista de Frank Wilderson III – não o primeiro texto afropessimista publicado pelo coletivo – indica uma possível zona de polinização cruzada entre o anarquismo e o afropessimismo. Sabe-se que o diálogo entre o anarquismo e os movimentos negros não é de hoje. Mas na sua ressurgência histórica após a crise de 2008, os anarquistas buscam novas fontes teóricas para uma nova realidade, dentro e fora da sua própria tradição. Com a sua insistência na não-conciliação, é de se esperar, então, que o afropessimismo ganhe a simpatia do anarquista.

Mesmo que o espaço compartilhado entre as duas linhas de pensamento ainda seja opaco, as insurreições de 2020 mostram que, dentro de cada uma delas, encontram-se indivíduos que se retorcem contra nosso presente combalido e buscam escapá-lo. Pois, a despeito das suas diferenças, são duas forças que insistem teimosamente que a libertação total absolutamente não vem da reforma deste mundo, mas da sua completa e belíssima abolição.

[1] O aúdio da entrevista original, em inglês, pode ser encontrada em: https://imixwhatilike.org/2014/10/01/frankwildersonandantiblackness-2/.
[2] Disponível em: https://illwilleditions.noblogs.org/files/2015/09/Wilderson-We-Are-Trying-to-Destroy-the-World-READ.pdf/.